

Exegese Bíblica: Juízes

Capítulo 4

A Libertação Sob a Soberania de Deus

Um comentário exegético, cristocêntrico e acadêmico do texto hebraico, versículo a versículo, com aplicação prática para a comunidade de fé. Baseado na versão King James Atualizada (KJA), com análise dos originais em hebraico e interpretação teológica reformada.

 JUÍZES 4 · KJA

EXEGESE HEBRAICA

CRISTOCÊNTRICO

Introdução: O Ciclo de Juízes

O livro de Juízes (שופטים — *Shoftim*) narra um período de aproximadamente 350 anos marcado por apostasia cíclica, opressão estrangeira, clamor a Deus e restauração soberana. Este padrão não é acidental — trata-se de uma estrutura teológica deliberada que revela o caráter inabalável de Yahweh diante da infidelidade humana.

Juízes 4 insere-se neste ciclo com precisão cirúrgica: o pecado coletivo de Israel provoca o abandono divino temporário, permitindo que Jabim, rei de Canaã, exerça sua tirania por vinte anos. A disciplina divina não é abandono definitivo, mas pedagogia redentora — um sinal de que Deus ainda se preocupa com o seu povo.

Cristocentricamente, o ciclo de Juízes antecipa a condição humana descrita por Paulo em Romanos 7 e a necessidade de um libertador definitivo. Cada juiz — Débora, Baraque, Gideão — aponta como sombra para o verdadeiro Juiz e Salvador: Jesus Cristo, o único capaz de quebrar definitivamente o ciclo da apostasia.



O padrão narrativo de Juízes: **Pecado → Opressão → Clamor → Libertação → Apostasia** — espelho fiel da condição humana sem a graça redentora.

Estrutura do Ciclo

01

Apostasia

Israel abandona Yahweh pelos deuses de Canaã

02

Opressão

Deus entrega Israel nas mãos dos inimigos

03

Clamor

O povo reconhece sua impotência e grita a Deus

04

Libertação

Deus suscita um juiz como instrumento de salvação

O Pecado e a Opressão (v. 1–2)

Texto KJA: *"E os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor, depois que Eúde morreu."*

Análise Exegética — Hebraico

O verbo hebraico **וַיַּסִּיפוּ** (*wayyosiphu*) — "tornaram a fazer" — carrega o peso da reincidência deliberada. Não se trata de um tropeço involuntário, mas de um retorno consciente à idolatria. A partícula **לַעֲשׂוֹת הָרָע** (*la'asoth hara*) — "fazer o mal" — é a expressão técnica do narrador de Juízes para descrever a ruptura do pacto.

Jabim (**יָבִים**) — "ele compreende" ou "ele é perspicaz") reina em Hazor, cidade estratégica no norte de Canaã. O nome é irônico: o rei que "compreende" torna-se instrumento de disciplina nas mãos de um Deus que compreende todas as coisas. A opressão de vinte anos é uma referência ao número de completude parcial — suficiente para produzir o desespero necessário ao clamor genuíno.

Aplicação Prática

A morte de Eúde expõe a fragilidade da fidelidade derivada de um líder humano. Quando nossa espiritualidade depende da presença de um homem e não do Espírito de Deus, somos vulneráveis à apostasia. A aplicação é direta: a perseverança da fé exige enraizamento no próprio Deus, não em seus instrumentos.

Cristologicamente, Eúde — assim como todos os juízes — falha em ser o sustentáculo definitivo de Israel. Somente Cristo, o Juiz eterno que não morre, pode ser o fundamento permanente de nossa fé e obediência.



A reincidência de Israel após a morte de Eúde revela que a transformação externa sem renovação interna é temporária e ilusória.

O Poder Militar de Canaã (v. 3)

Juízes 4.3 — KJA

"E os filhos de Israel clamaram ao Senhor; porque Sísera tinha novecentos carros de ferro, e por vinte anos oprimira duramente os filhos de Israel."

Hebraico Original

תִּשָּׂע מֵאוֹת רֶכֶב בַּרְזֶל
Tesha' me'oth rekhev barzel
"Novecentos carros de ferro"

Exegese e Contexto

Os **900 carros de ferro** representam a supremacia tecnológica absoluta da época. O ferro (בַּרְזֶל — *barzel*) era o material bélico mais avançado da Idade do Ferro nascente, e Israel não possuía a capacidade metalúrgica para combatê-lo em igualdade de condições. Este detalhe não é meramente histórico — é teológico.

O narrador estabelece a impossibilidade humana da vitória para que a intervenção divina seja a única explicação plausível para o desfecho. Este é um padrão recorrente nas narrativas do Antigo Testamento: Deus frequentemente permite que a situação alcance o ponto de desespero máximo antes de agir, para que toda a glória seja exclusivamente sua.

O verbo יִזְעֻקוּ (*wayyiz'qu*) — "clamaram" — é o mesmo grito do êxodo (Êxodo 2.23). O narrador evoca conscientemente a memória do Egito: o mesmo Deus que ouviu então, ouvirá agora. O clamor não é fraqueza — é o primeiro ato de fé genuína.



Aplicação Prática: Quando nossas circunstâncias são humanamente impossíveis, estamos no ambiente ideal para a demonstração da glória de Deus. O desespero que nos leva ao clamor é o prelúdio da libertação.

A Chamada de Débora (v. 4–5)

Exegese do Texto Hebraico

Débora é apresentada com dois títulos simultâneos: נְבִיאָה (*nevî'ah*) — "profetisa" — e שֹׁפֶטָה (*shoftah*) — "juíza". A combinação é teologicamente significativa: ela governa com autoridade judicial (*mishpat*) e fala com autoridade profética. Seu papel é único no cânon veterotestamentário.

A localização geográfica — **entre Ramá e Betel**, na região montanhosa de Efraim — posiciona Débora no coração espiritual e político de Israel. A palmeira (תֹּמָר — *tomar*) não é um detalhe pictórico: árvores específicas eram locais reconhecidos de julgamento e instrução pública. A de Débora tornou-se tão associada à sua pessoa que o texto a chama de "palmeira de Débora".

O nome דְּבוֹרָה (*Devorah*) significa "abelha" — criatura que ao mesmo tempo alimenta com mel e defende com ferroada. A imagem é poeticamente adequada: Débora nutre Israel com a palavra de Deus e defende o povo com a autoridade profética recebida de Yahweh.

Cristologia e Aplicação

Débora como profetisa-juíza antecipa o ministério tríplice de Cristo: Profeta (que revela a vontade de Deus), Sacerdote (que intercede) e Rei (que governa com justiça). A integração desses papéis em uma só pessoa aponta para o único em quem tais funções convergem de forma perfeita e permanente.

A disposição de Débora sob a palmeira — acessível ao povo, ouvindo casos, transmitindo a palavra divina — é um retrato da liderança servidora que Cristo encarnaria plenamente. Líderes cristãos são chamados a este mesmo padrão: acessibilidade, fidelidade à Palavra e coragem profética.



Verdade Teológica: Deus não é limitado pelo gênero, cultura ou convenção humana para realizar seus propósitos soberanos. Débora é prova viva disso.

A Estratégia Divina (v. 6–7)

Texto KJA: "Ela mandou chamar a Baraque... e disse-lhe: Não te ordenou o Senhor Deus de Israel, dizendo: Vai e marcha ao monte Tabor...? E eu atrairei a ti, ao ribeiro de Quisom, a Sísera..."



Monte Tabor

O monte Tabor (תְּבוֹר — *Tavor*) é escolhido como ponto de concentração estratégica. Com altitude de 575m, oferecia vantagem defensiva e visibilidade total do vale de Jezreel — terreno favorável para a infantaria israelita contra os carros de ferro cananeus.



Ribeiro de Quisom

O ribeiro de Quisom (נַחַל קִישׁוֹן) é o teatro designado por Deus para a derrota de Sísera. O verbo מִשְׁכַּחְתִּי (*mashakhti*) — "atrairei" — revela que Deus mesmo orquestrará o posicionamento do inimigo. A batalha é do Senhor antes de ser de Baraque.



10 Mil Homens

A convocação de dez mil homens de Naftali e Zebulom aponta para uma força numericamente inferior aos carros de ferro. O número não é a vantagem — a presença de Deus é. Esta assimetria intencional é um princípio teológico recorrente: Deus glorifica-se na fraqueza humana (cf. 2 Coríntios 12.9).



Cristologia: A palavra de Débora a Baraque é a palavra de Deus antecipando a vitória antes do combate. Cristo faz o mesmo a seus discípulos: "Neste mundo tereis tribulações, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16.33). A vitória é proclamada antes de ser experienciada.

Fé e Hesitação de Baraque (v. 8)

Exegese — O Condicionamento de Baraque

Texto KJA: *"Baraque lhe disse: Se tu fores comigo, irei; mas se não fores comigo, não irei."*

O nome **בָּרָק** (*Baraq*) significa "relâmpago" — irônico para alguém que hesita diante da ordem divina. O verbo condicional **אִם תֵּלַךְ** (*'im tèlkhî*) — "se tu fores" — revela uma fé que precisa de suporte humano visível. Baraque conhece a vontade de Deus, mas não confia suficientemente na palavra para agir sem confirmação adicional.

Este não é um pecado de incredulidade total, mas de fé imatura. Hebreus 11.32 inclui Baraque no "salão da fé", demonstrando que Deus honra mesmo uma fé fraca e vacilante quando ela finalmente obedece. A hesitação de Baraque não cancela sua disposição eventual — ele parte.

Aplicação Prática e Cristologia

A exigência da presença de Débora revela uma dependência saudável da mediação profética, mas também expõe a incapacidade humana de agir na fé pura. Cristologicamente, Baraque antecipa a condição dos discípulos que precisavam da presença física de Jesus para ter coragem (cf. Mateus 14.28-31 — Pedro caminhando sobre as águas).

A aplicação pastoral é profunda: Deus não exclui os que hesitam, mas redireciona as consequências de sua hesitação. Baraque perde a honra da vitória final, mas não perde a participação na batalha. Deus é misericordioso com a fé fraca, mas não deixa de aplicar as consequências pedagógicas de nossas vacilações.



Princípio Teológico: Fé vacilante que obedece ainda é fé. Deus usa instrumentos imperfeitos para seus propósitos perfeitos. A graça opera através da fraqueza humana, não apesar dela.

A Profecia de uma Mulher (v. 9)

Exegese do Versículo 9

Texto KJA: *"Ela disse: Certamente irei contigo; todavia, a jornada que empreenderes não será para a tua honra; porque o Senhor entregará Sísera nas mãos de uma mulher."*

A expressão **לֹא תִהְיֶה תִפְאַרְתְּךָ** (*lo' tihyeh tif'artekha*) — "não será para a tua glória" — é uma sentença profética que redireciona a narrativa da honra masculina esperada para um agente inesperado. O substantivo **תִּפְאַרֶת** (*tif'eret*) — "glória, esplendor" — é a mesma palavra usada para a honra que pertence exclusivamente a Deus. Ao desviar essa honra de Baraque para uma mulher anônima (ainda), o texto teologicamente aponta para a soberania de Deus em distribuir sua glória conforme sua vontade, não conforme as expectativas humanas.

Este versículo é uma antecipação narrativa (*prolepse*) que cria tensão literária: o leitor sabe que a vitória final virá por uma mulher, mas ainda não sabe quem é Jael. Esta técnica narrativa eleva a expectativa e prepara para o clímax dramático do versículo 21.

"O Senhor entregará Sísera nas
mãos de uma mulher."
— **Juízes 4.9**

Cristologia

A inversão das expectativas é uma marca do método de Deus: ele usa a fraqueza para confundir o forte (1 Coríntios 1.27). A morte do opressor pela mão de uma mulher ordinária antecipa a derrota do diabo não pelo poder de um exército, mas pela morte do Filho de Deus na cruz — o evento mais "fraco" da história que se tornaria a maior vitória cósmica.

A Obediência no Monte Tabor (v. 10)

Texto KJA: *"Baraque convocou Zebulom e Naftali para Quedes; e dez mil homens subiram após ele; e Débora subiu também com ele."*



Palavra Recebida

Débora transmite a ordem divina a Baraque — a palavra precede sempre a ação no método de Deus



Convocação das Tribos

Baraque mobiliza Zebulom e Naftali — a obediência concreta começa com ação comunitária e organizada



Subida ao Tabor

A marcha ao monte representa a transição da fé contemplativa para a fé operativa — crer e mover-se



Débora Presente

A presença da profetisa garante a dimensão espiritual da campanha — a batalha física é extensão da realidade espiritual

O verbo **וַיַּעֲלוּ** (*wayya'al*) — "subiram" — é o mesmo verbo usado para a peregrinação ao templo e para a aproximação de Deus. A marcha militar de Baraque é simultaneamente um ato litúrgico: Israel aproxima-se de Deus ao caminhar em obediência à sua palavra. A fé bíblica nunca é passiva — ela sobe montanhas.



Aplicação Prática: A fé madura não espera certeza absoluta antes de agir — ela age sobre a palavra recebida e experimenta a certeza no caminho da obediência. "Sobe ao monte Tabor" ainda ressoa como chamado a todos que receberam a palavra de Deus mas permanecem paralisados pela hesitação.

A Aliança com os Queneus (v. 11)

Exegese — Héber, o Queneu

Texto KJA: *"Héber, o queneu, separara-se dos queneus, dos filhos de Hobabe, sogro de Moisés, e havia armado a sua tenda até o carvalho em Zaanaim, que está junto a Quedes."*

O versículo 11 parece uma digressão narrativa, mas é na realidade uma preparação providencial para o clímax. O narrador apresenta Héber (חֶבֶר — "aliado, companheiro") e sua separação da tribo principal dos queneus como um detalhe geográfico que posiciona sua tenda — e consequentemente sua esposa Jael — no caminho exato da fuga de Sísera.

O verbo **וַיִּפָּרֵד** (*wayyipared*) — "separara-se" — indica uma ruptura deliberada com seu grupo étnico. A menção de Hobabe, sogro de Moisés, conecta os queneus à história sagrada de Israel: são aliados históricos do povo de Deus. A posição geográfica da tenda — "junto a Quedes" — é providencialmente estratégica.

Providência Divina

Este versículo é um dos mais importantes exemplos de providência narrativa nas Escrituras. Deus não age apenas através de milagres espetaculares — ele age através de migrações familiares, decisões pessoais de separação, e posicionamentos geográficos aparentemente banais. A tenda de Héber está onde está porque Deus a colocou ali décadas antes para este momento específico.

Cristologicamente, este princípio é fundamental: a encarnação de Cristo não foi improvisada — foi preparada através de séculos de história, genealogias, migrações e eventos que parecem mundanos mas são orquestrados pela sabedoria divina. "Mas, vindo a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho" (Gálatas 4.4).



Verdade Teológica: Deus providencia cada detalhe da história humana para o cumprimento de seus propósitos redentores. Nenhuma separação, migração ou decisão está fora do seu governo soberano.

O Comando de Ataque (v. 12–14)

Texto KJA: *"Levanta-te, porque este é o dia em que o Senhor entregou Sísera na tua mão; não saiu o Senhor diante de ti?"* (v. 14)

Exegese Hebraica do Versículo 14

A expressão **קוּם** (*qum*) — "levanta-te" — é um imperativo profético de alta intensidade. No contexto hebraico, **qum** carrega o peso de uma ressurreição de passividade para ação, de espera para movimento. É o mesmo imperativo que Deus usa com Moisés, Elias e os profetas quando chama para ação decisiva.

A frase **כִּי זֶה הַיּוֹם** (*ki zeh hayyom*) — "porque este é o dia" — é uma declaração escatológica. O "dia do Senhor" nos profetas maiores e menores é sempre o dia da intervenção divina decisiva — de julgamento para os inimigos e salvação para o povo de Deus. Débora usa a fórmula para indicar que o momento de Deus chegou.

A pergunta retórica final — **הֲלֹא יָצָא יְהוָה לִפְנֵיךָ** (*halo' yatza' Adonai lefanekha*) — "não saiu o Senhor diante de ti?" — pressupõe a afirmativa. Deus já foi à frente; Baraque apenas segue. Este é o modelo de toda guerra espiritual: Cristo já venceu, a Igreja avança no rastro de sua vitória.

Sísera Informado

v.12 — A inteligência militar de Sísera recebe notícia do avanço israelita. Deus orchestra até a inteligência do inimigo para atraí-lo ao lugar da derrota.

O Exército Mobilizado

v.13 — 900 carros de ferro e todo o exército de Sísera descem ao vale de Quisom — exatamente onde Deus prometera derrota.

O Imperativo Profético

v.14 — "Levanta-te!" — A palavra de Débora é a palavra de Deus que precede e garante a vitória. Baraque desce do monte.

A Derrota de Sísera (v. 15–16)

Juízes 4.15 — KJA

"E o Senhor derrotou a Sísera e a todos os seus carros e a todo o seu exército com o fio da espada diante de Baraque; e Sísera desceu do carro e fugiu a pé."

Hebraico

וַיְהִי יְהוָה — *wayYaham Adonai*

"E o Senhor perturbou, lançou no pânico" denota desordem caótica e (*hamam*) הָמָם O verbo pânico sobrenatural — o mesmo verbo do Mar Vermelho (Êxodo 14.24)

Exegese e Análise Teológica

O versículo 15 é o coração teológico do capítulo. O sujeito de וַיְהִי não é Baraque, não é Débora, não é o exército — é יְהוָה. Deus é o sujeito verbal ativo da batalha. Toda a campanha militar de Israel é contexto e palco para a ação divina soberana.

O abandono dos carros de ferro por Sísera (מַעַל מְרִכְבָּתוֹ — "do alto de seu carro") é simbólico: o símbolo máximo de seu poder militar é descartado na fuga. O que era fonte de orgulho e confiança torna-se inútil diante do poder de Yahweh. A tecnologia humana é impotente diante da intervenção divina.

O versículo 16 registra a destruição total: עַד־אֶחָד לֹא נִשְׁאָר ('ad-ekhad lo' nish'ar) — "nem um sequer escapou". A completude da vitória é expressão da completude do julgamento de Deus sobre os opressores do seu povo.



Aplicação Cristocêntrica: A derrota de Sísera antecipa a derrota definitiva de Satanás descrita em Apocalipse 19-20. Cristo, como Baraque cósmico, lidera o exército celeste à batalha que Deus já ganhou. Nossa participação é real, mas a vitória pertence ao Senhor.

O Destino de Sísera (v. 17–20)

Exegese — A Fuga e a Tenda de Jael

Texto KJA: *"Sísera fugiu a pé para a tenda de Jael, mulher de Héber, o queneu; porque havia paz entre Jabim, rei de Hazor, e a casa de Héber, o queneu."* (v.17)

A fuga de Sísera é guiada pela lógica do tratado de paz (שלום — *shalom*) entre Jabim e a casa de Héber. Sísera raciocina que a neutralidade política de Héber lhe garantirá hospitalidade e segurança. Este raciocínio é humanamente impecável — e divinamente subvertido.

Jael (יַעֲרֵי — "cabra montesa" ou "montanha escalada") vai ao encontro de Sísera com palavras de hospitalidade: סור אדוני (*sur adoni*) — "volta, meu senhor". A hospitalidade da tenda no Oriente Antigo era sagrada e vinculante — Sísera entra confiante no que parece ser um santuário de segurança. O leitor, avisado pelo versículo 9, sabe que esta tenda é o lugar de sua destruição.

O leite ofertado por Jael (חֶמֶה — *khemah*, "manteiga" ou "leite coalhado", v.19) é um ato de generosidade que paradoxalmente prepara Sísera para o sono profundo. O narrador bíblico usa a ironia dramática ao máximo: o conquistador temível dorme desprotegido na tenda de uma mulher.

Providência e Ironia Narrativa

A Aliança Política

Sísera confia no tratado político para garantir sua segurança — mas os tratados humanos não podem anular os decretos de Deus.

A Hospitalidade Enganosa

Jael oferece leite, coberturas e proteção — os elementos da hospitalidade são usados como instrumentos providenciais do julgamento divino.

O Sono do Conquistador

O guerreiro dos 900 carros de ferro dorme exausto e desprotegido — o poderoso é vulnerável, o fraco está em posição de poder.

❏ **Cristologia:** A tenda de Jael é símbolo do "lugar de segurança aparente" que se transforma em lugar de julgamento. Assim, a cruz pareceu a Satanás uma vitória — foi o instrumento da sua derrota definitiva.

Justiça na Tenda (v. 21)

Texto KJA: "Então Jael, mulher de Héber, tomou uma estaca da tenda e, pegando o martelo na mão, foi a ele cautelosamente e pregou-lhe a estaca nas fontes, cravando-a na terra; e ele estava em profundo sono e exausto, e assim morreu."

Exegese do Ato de Jael

O vocabulário hebraico deste versículo é preciso e deliberado. יַתֵּד הָאֵהֶל (*yetad ha'ohel*) — "a estaca da tenda" — é um instrumento doméstico, ferramenta cotidiana da mulher nômade responsável por armar e desmontar a habitação familiar. Jael usa o instrumento de seu ofício diário como arma de julgamento divino.

O verbo וַתִּתֵּקַע (*wattitqa'*) — "cravou/pregou" — é o mesmo radical de תִּקְעָה (*teqi'ah*), o som do shofar que proclamava julgamento e jubileu. O ato de Jael ressoa como a trombeta do julgamento de Deus sobre o opressor.

A descrição וְהוּא נִרְדָּם וַיַּעַף וַיָּמָת — "ele estava em profundo sono e exausto, e assim morreu" — é narrativamente contida, quase litúrgica. Não há drama adicional ou glorificação da violência. O narrador registra o cumprimento da profecia com sobriedade teológica: o que Débora anunciou, aconteceu exatamente.

Teologia do Julgamento e Cristologia

O ato de Jael é controverso por sua natureza — violência exercida sobre um hóspede adormecido, violando o código de hospitalidade. No entanto, o texto não oferece condenação moral; pelo contrário, Débora celebra Jael em Juízes 5.24 como "abençoada entre as mulheres". A perspectiva do narrador bíblico é teológica, não apenas ética: Jael é instrumento da justiça divina sobre o opressor do povo de Deus.

Cristologicamente, este ato aponta para o paradoxo da Cruz: o instrumento de execução romana (a cruz) torna-se o instrumento da destruição do poder do pecado e da morte. Assim como a estaca doméstica de Jael, a cruz — instrumento de humilhação — torna-se o símbolo supremo da vitória de Deus.



Aplicação Prática: Deus usa instrumentos ordinários e pessoas inesperadas para executar seus propósitos extraordinários. Jael não era soldada, profetisa ou líder reconhecida — era uma mulher com as ferramentas do seu cotidiano. Deus pode usar qualquer pessoa disposta.

O Triunfo de Baraque e a Confirmação Profética (v. 22)

Texto KJA: "E eis que, perseguindo Baraque a Sísera, Jael saiu ao seu encontro e disse-lhe: Vem e te mostrarei o homem que buscas. E ele entrou nela, e eis Sísera caído e morto, com a estaca nas fontes."

Exegese Final e Teologia da Promessa Cumprida

O encontro de Baraque com Sísera morto é o ponto de convergência de todas as promessas do capítulo. A palavra profética de Débora no versículo 9 cumpre-se exatamente: **בְּיַד אִשָּׁה יִמָּכֵר יְהוָה אֶת סִיסְרָא** — "nas mãos de uma mulher o Senhor venderá Sísera". O verbo **מָכַר** (*makhar*) — "vender, entregar" — é o mesmo usado para a entrega de José pelos seus irmãos: a ironia redentora de Deus que transforma traição e circunstância em instrumento de salvação.

Baraque não é humilhado na narrativa — ele cumpre seu papel com fidelidade. Mas a glória é redirecionada: a honra da vitória final pertence a Jael, e através dela, a Deus. O capítulo encerra com a confirmação absoluta de que a soberania de Yahweh transcende todas as estratégias militares, todas as tecnologias bélicas e todas as expectativas culturais.

O versículo final do capítulo (v.23-24, extensão da perícope) afirma: "Assim, naquele dia, Deus humilhou Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel". O sujeito é **אֱלֹהִים** (*Elohim*) — Deus como soberano universal. Toda a narrativa converge para este único ponto: é Deus quem humilha os opressores e liberta seu povo.

"Naquele dia, Deus humilhou Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel."
— **Juizes 4.23**

Promessa

Débora anuncia a vitória — v.7, 9, 14

Cumprimento

Jael executa o opressor — v.21

Confirmação

Baraque testemunha o cumprimento — v.22



Verdade Final: Nenhuma palavra de Deus retorna vazia. Cada promessa divina em Juizes 4 foi cumprida com precisão cirúrgica — testemunho da fidelidade inabalável de Yahweh.

Assinatura Acadêmica

Dr. Teologia Prof. Jônatas Silva da Cruz
Teólogo

EXEGESE BÍBLICA

JUÍZES CAPÍTULO 4

COMENTÁRIO CRISTOCÊNTRICO